

***De constructione linguae lusitanae: a teoria sintáctica  
na Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda  
(Lião, 1672) do P<sup>e</sup> Bento Pereira (S. I.)***

*Rogelio Ponce de León Romeo*  
Universidade do Porto

**1. Considerações preliminares**

**1.1. A sintaxe nos séculos XVI e XVII: do Latim ao vernáculo**

São bem conhecidas as decisivas repercussões culturais que teve o aparecimento dos *studia humanitatis*; entre elas, destaca o estabelecimento da língua latina como veículo universal de cultura e, por consequência, o desenvolvimento da descrição gramatical que supõe, segundo a postura defendida por Eustaquio Sánchez Salor (1996) – a propósito da *Minerua seu de causis linguae latinae* (Salamanca, 1588) de Francisco Sánchez de las Brozas –, a ruptura com a teoria especulativa medieval, mas também a continuidade com esse mesmo modelo. Neste contexto, não há dúvida de que, dos livros que integram as *Artes* gramaticais renascentistas, é a sintaxe o objecto preferido de reflexão teórica por parte dos gramáticos: não são só os defensores da gramática filosófica, como Júlio César Escalígero com o *De causis linguae latinae* (Lião, 1540) ou o Brocense com a já referida *Minerua* – na esteira dos princípios defendidos nos *De emendata structura latini sermonis libri sex* (Londres, 1524) do britânico Tomás Linacro – que se ocupam com pormenor da *constructio*; os gramáticos normativistas, como António de Nebrija, João Despautério ou Manuel Álvares, mais preocupados com o ensino da língua latina segundo o modelo dos clássicos, também desenvolvem de forma exaustiva esta parte da gramática. Portanto, podemos verificar este facto tanto nos partidários da gramática das *rationes*, como nos da gramática do *usus*.

Paradoxalmente, nas *Artes* vernaculares que começaram a publicar-se a partir de finais do século XV, podemos constatar o fenómeno contrário; isto é, o descuido, no que diz respeito à descrição das estruturas sintácticas das línguas nacionais, pelo menos se se compara com outras partes da gramática como a morfologia (Ramajo, 1987: 211-212; Padley, 1988: 226). No âmbito da produção gramaticográfica peninsular, é, com efeito, bem sabida a pouca importância que concede Fernão de Oliveira na *Gramática da linguagem portuguesa* (Lisboa, 1536) à sintaxe, a qual ocupa página e meia, segundo o autor, porque tinha preparada uma obra sobre o tema: «Nesta derradeira parte, que é da construção ou composição da lingua, não dizemos mais, porque temos começada hũa obra em que particularmente e com mais comprimento falamos della» (2000[1536]: 153). O certo é que esta obra de que fala Fernão de Oliveira nunca parece ter sido

publicada. O caso da *Gramática de la lengua castellana* (Salamanca, 1492) de António de Nebrija e da *Gramática da lingua portuguesa* (Lisboa, 1540) de João de Barros parece-nos ligeiramente diferente, na medida em que apresentam capítulos sobre a matéria sintáctica consideravelmente mais extensos do que o referido capítulo de Fernão de Oliveira, mas, ainda assim, o desenvolvimento das relações entre as partes da oração é menor se comparado com o que lhes é dado nas *Artes* gramaticais latinas compostas na mesma época. Por outro lado, nas gramáticas vernaculares de Nebrija e João de Barros, verifica-se uma forte influência da descrição gramatical do Latim, fenómeno que se pode observar na sintaxe. Assim, António de Nebrija baseia a construção do Castelhana num duplo eixo, habitual nas gramáticas latinas: concordância e regência (1989[1492]: 217-222); a respeito desta última, dedica um capítulo à «construcción de los verbos después de sí» e outro à «construcción de los nombres después de sí» (1989[1492]: 219-222); finaliza o livro quarto com os *vitia constructionis*: o solecismo e o metaplasmo, além do barbarismo, bem como as figuras de construção (1989[1492]: 223-236). Muito semelhante parece ser o tratamento da sintaxe na *Arte* de João de Barros, se bem que com certas divergências estruturais entre este e o humanista andaluz, como sublinhou Maria Leonor Carvalhão Buescu (1984: 92).

Seja como for, o desenvolvimento da matéria sintáctica nas *Artes* romances viu-se condicionado, durante os séculos XVI e XVII, por razões de natureza diferente:

- i) Num plano teórico, a tendência racionalista – impulsada, como já foi mencionado, por Escalígero e pelo Brocense – originou a redução de regras supostamente supérfluas em benefício de um conjunto de escassos preceitos sintácticos gerais a partir dos quais se podiam explicar, com o auxílio de certos procedimentos como a elipse, as numerosas excepções na «estrutura superficial». Claros exemplos de sintaxes gerais, no contexto peninsular, aparecem no *Methodo grammatical para todas as linguas* (Lisboa, 1619) de Amaro de Roboredo, onde se consagram ao estudo sintáctico apenas sete páginas no livro primeiro (2002[1619]: 47-53) e oito no livro terceiro (2002[1619]: 71-78), e na *Arte de la lengua española* (Salamanca, 1625) de Gonzalo Correas (Martínez, 1994, III: 429).
- ii) Numa vertente metodológica, as gramáticas vernaculares descaram, de forma consciente e por variadas razões, o ensino da estruturas sintácticas da língua objecto de estudo; por exemplo, o anónimo autor da *Gramática de la lengua vulgar de España* (Lovaina, 1559) exclui do plano da obra a sintaxe, pois pode ser aprendida pelo uso:

Desta [da língua espanhola], pues, quiero dar al presente tales reglas i preceptos, que todo hombre de qualquier nación que fuere, pueda mui fácilmente i en breve tiempo tiempo hablarla i escribirla más que medianamente, lo qual, para bien i perfectamente hazerse, deuía tratarse en quatro maneras dichas: Ortografía, Etimología, Sintaxe i Prosodia; pero io, dexando estas dos postreras partes al uso común de do se aprenderán mejor i más fácilmente, sólo trataré de las dos primeras, porque dellas depende la conición necessaria desta lengua (1966[1559]: 9).

Outro exemplo é possível observar nas *Reglas gramaticales para aprender la lengua española y francesa* (Oxford, 1586) de António del Corro, nas quais este autor não faz senão, em palavras de Lidio Nieto, «una llamada de atención sobre la importancia que tiene la sintaxis para el perfecto dominio de la lengua» (1988: 74).

## 1.2. A Arte de Bento Pereira: características gerais

Neste contexto gramaticográfico, vai redigir o P<sup>e</sup> Bento Pereira a *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda*, uma obra composta quase integralmente em Latim. A escolha desta língua como veículo de aprendizagem pode aparentemente resultar estranha, mas justifica-se pelos objectivos e pelos destinatários. Com efeito, a gramática portuguesa do jesuíta vai dirigida principalmente a leitores não nativos, tal como foi realçado por certos autores (Schäfer-Priess, 1993: 287; Fonseca, 2000: 184; 2002: 26-27); isto é, trata-se sobretudo de uma gramática de Português como língua estrangeira. O próprio autor, na introdução *Ad lectorem*, sublinha este traço:

Cum uero in me patriae amor frigescente aetate non frigeat, sed magis ac magis exardescat, hoc potissimum tempore, quo uideo Lusitaniam, postquam feliciter pugnavit, pace, quam libens concessit, quiescere habereque commercium cum omni natione quae sub coelo est et christiano nomine gloriatur, uehementer dolui carere Lusitanos arte, qua suam linguam exteris addiscendam proponant.

Est enim perspicuum in spiritualibus et temporalibus sperari maximum emolumentum ex facilitate addiscendae nostrae linguae, ut exteri siue mercatores suis opibus nos ditent et nostris ditentur, siue concionatores peruadant usque ad fines Orbis seu Lusitani imperii, ubi nationes barbaras ueris Euangelii diuitiis locupletent (Pereira, 1672: [2]).

Das palavras do gramático jesuíta, com efeito, podem deduzir-se dois objectivos principais: o primeiro diz respeito ao desenvolvimento da actividade comercial entre estrangeiros e portugueses a partir da aprendizagem do Português; o segundo concerne ao âmbito da religião e, especialmente, à evangelização das *nationes barbaras* através de um instrumento linguístico comum<sup>1</sup>.

Por outro lado, o facto de uma *Arte* romance ser redigida em Latim não é um fenómeno infrequente na produção gramaticográfica europeia (Schäfer-Priess, 1993: 286). Numerosos exemplos podemos achar na História das gramáticas do Castelhana: a

<sup>1</sup> No entanto, como referiu Barbara Schäfer-Priess (1993: 287), o público alvo também podia ser o luso-falante, na medida em que podia aperfeiçoar o conhecimento da sua própria língua; assim o indica no início da introdução: «En candide lector, qui olim iuuenis nondum attingens trigesimum aetatis annum concinnaui Prosodiam, modo senex tribus iam annis excedens sexagesimum concinnaui Lusitanae linguae Grammaticam, quam tibi, si exter fueris, addiscendam, si domesticus, corrigendam offero» (Pereira, 1672: p.[1]).

anónima *Util y breve institution para aprender los principios y fundamentos de la lengua hespañola* (Lovaina, 1555) sai dos prelos com os preceitos em Castelhana e em Francês e com a correspondente versão latina, que, aliás, parece haver sido a língua da redacção original (Roldán, 1977: CXXIX-CXXXV); aparecem também traduções latinas de gramáticas escolares, como a versão da *Grammaire et observations de la langue espagnolle* (Paris, 1597) de César Oudin, intitulada *Grammatica hispanica hactenus gallice explicata et aliquoties edita, autore Cesare Oudino* (Colónia, 1607), bem como outros manuais compostos originalmente em Latim; é o caso das *Institutiones in linguam hispanicam* (Colónia, 1614) de Henrico Doergank (Ramajo, 1987: 33). Também na Alemanha, ainda no início do século XVIII, eram publicados tratados escolares do Espanhol na língua do Lácio (Sánchez Pérez, 1992: 160-162).

No que concerne às fontes da *Ars grammaticae*, Barbara Schäfer-Priess (2000: 17 e *passim*) evidenciou uma leitura mais do que atenta dos *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa, 1572) do P<sup>o</sup> Manuel Álvares, especialmente no que se refere ao capítulo sobre a morfologia verbal (Schäfer-Priess, 1993: 298-302); na descrição do conjuntivo, segundo se terá ocasião de confirmar mais adiante, a *Ars grammaticae* segue a tese defendida pelo gramático madeirense, respeitante à construção das orações causais introduzidas por *cum*, não com um verbo em modo conjuntivo, mas em indicativo, critério que vai provocar no tratado de Bento Pereira a adição de um paradigma exclusivo para o conjuntivo português. Por outro lado, no que se refere à definição e à estruturação inicial da sintaxe, muito provavelmente Bento Pereira se tenha baseado também na gramática latina de Manuel Álvares.

## 2. A teoria sintáctica da *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda*

### 2.1. Definição e estruturação inicial

Antes de passar a apresentar os princípios sintácticos do gramático jesuíta, convém salientar o reduzido espaço dedicado à sintaxe no plano geral da *Ars grammaticae*: das 323 páginas que ocupa o tratado são consagradas apenas cinco à construção do Português. Por consequência, pode-se enquadrar a concepção gramatical de Bento Pereira entre aqueles autores que não outorgam uma excessiva importância à sintaxe. Por outro lado, na definição inicial podemos detectar uma aproximação à gramática latina, especialmente, como já foi referido, aos alvaresianos *De institutione grammatica libri tres*: «Syntaxis uox graeca idem ualet apud Latinos atque structura, constructio et series, a uerbo graeco 'syntaxo', ordino. Est igitur recta partium orationis inter se compositio; diuiditur in iustam et figuratam» (Bento Pereira, 1672: 200). Com efeito, Bento Pereira toma a definição da sintaxe do livro segundo da gramática do P<sup>o</sup> Álvares, para o qual «Syntaxis Graece, Latine constructio, est recta partium orationis inter se compositio» (1974[1572]: f. 108r), se bem que a utilização do termo *structura* nos possa oferecer um indício da leitura, por parte de Bento Pereira, do *De emendata structura latini sermonis* de Linacro, tratado que, em Portugal e em Espanha, foi do agrado, no século XVI, de certos docentes e pedagogos jesuítas (Ponce de León, 2000: 240-241).

Também a distinção da *constructio* em *iusta* e *figurata* supõe um dos traços característicos da gramática de Linacro; no entanto, parece-nos mais plausível que Bento Pereira tenha como referência neste aspecto, de novo, a gramática de Álvares. Seja como for, a *Ars grammaticae* distancia-se quer da *Arte* de Linacro, quer da de Álvares, ao tratar exclusivamente da *constructio iusta*, pois, em opinião de Bento Pereira, a sintaxe figurada deve ser integrada na retórica (Schäfer-Priess, 2000: 238-239):

Iusta docet quibus modis oratio absque errore perfecta suisque numeris omnibus absoluta possit euadere, et hoc est peculiare munus grammaticae. Figurata docet quomodo oratio ornari debeat figuris, ut suis ueluti coloribus, pigmentis et luminibus fulgeat. et, cum haec pars ad rhetores spectet, nobis tantum sermo erit de priori, utpote ad grammaticos pertinente (Pereira, 1672: 200).

Há, efectivamente, gramáticos que realçam a procedência dupla das figuras de construção, como é o caso da *Arte grande de la lengua kastellana* (1626) de Gonzalo Correias: «Las figuras, afirma, unas son de la construzion ó sintaccsis, i estas pertenezzen derechamente á la *Gramática*, aunqe tambien á la *Retórica*, i son las menos» (1903[1626]: 244). Diferentemente, no que concerne à *Ars grammaticae*, descreve-se apenas a construção que obedece aos preceitos gramaticais, sinal da abordagem normativista – e, por consequência, não especulativa – que Bento Pereira adopta na sua obra.

## 2.2. Descrição sintáctica

No que se refere à descrição sintáctica do Português, a *Ars grammaticae* não constrói, pelo menos de forma explícita, a matéria em torno dos tradicionais eixos da concordância e da regência. O ponto de partida resulta ser a relação gramatical entre os constituintes, assegurada por uma variação material “externa” – *mutatio extrinseca* – através das *particulae* ou *articuli*, oposta à variação material “interna” – *mutatio intrinseca*<sup>2</sup> – que opera, por exemplo, na língua latina por meio dos morfemas casuais:

Dixi “non habent [nomina] uarietatem casuum in se ipsis” quia, licet in se ipsis non mutantur acceptis characteribus diuersis, tamen [...] a quibusdam particulis seu articulis accipiunt quandam extrinsencam mutationem, qua aequipollent nominibus latinorum casus diuersos per intrinsecam mutationem habentibus tam in singulari, quam in plurali (1672: 201).

<sup>2</sup> O emprego das expressões metalinguísticas *mutatio intrinseca* e *mutatio extrinseca* parece haver sido introduzido por Bento Pereira na gramaticografia do Português. Contudo, em Espanha, outro jesuíta, Juan Villar, na *Arte de gramática española* (Valência, 1651), utilizara os termos *intrinseco* e *extrinseco*, se bem referidos a diferentes tipos de construção (Villar, 1997[1651]: 59-60), numa abordagem claramente que referidos a diferentes tipos de construção (Villar, 1997[1651]: 59-60), numa abordagem claramente que diferente daquela de que se serve o jesuíta português (Padley, 1988: 228; Peñalver, 1997: 67) e que, por razões de espaço, não nos é possível desenvolver no presente estudo.

Parece claro que Bento Pereira, numa perspectiva comparativa – presente, por outra parte, em toda a obra –, trata de identificar a conexão sintáctica no plano formal do Português, que diverge daquela que ocorre em Latim. A partir das palavras do autor, seria possível inferir que as referidas alterações ou *mutationes* produzidas em ambas as línguas materializam relações gramaticais comuns a estas – e provavelmente a todas... Mas deste aspecto não se ocupa o jesuíta, talvez porque a finalidade da *Ars grammaticae* seja, no capítulo sintáctico, a descrição das orações no plano formal – objecto, por seu turno, do interesse do público estrangeiro que quisesse aprender o Português por esta *Arte*. Por conseguinte, a finalidade será analisar, na oração portuguesa, a manifestação da referida *mutatio extrinseca*, materializada, como já foi indicado, através das *particulae* ou *articuli*: «Cum igitur syntaxis consistat in recta partium orationis inter se compositione, quam praecipue lusitanae linguae conferunt quaedam particulae et articuli, in his referendis et declarandis nostra desudabit industria» (1672: 201). Muito embora os termos *particulae* e *articuli* possam aparecer, na argumentação de Bento Pereira, como equivalentes, na verdade, as *particulae* abrangem os *articuli* – entre os quais inclui a contracção com a preposição ‘a’ – e as *praepositiones* – que compreende também a contracção com ‘de’ e ‘em’ –: «Articuli sunt a, á, o, uo, as, ás, os, aos, quibus adde propositiones [sic] de, da, do, des, das, dos, na, no, nas, nos, pera, em, com, sem, quae regulariter praefiguntur nominibus» (*ibid.*: 201).

Convém advertir que Bento Pereira tem consciência de que a anteposição destas partículas ao nome materializa os casos enquanto funções sintácticas; assim, temos a seguinte distribuição:

- i) Nominativo (i. e. sujeito) → ‘o’, ‘a’, ‘os’, ‘as’; acusativo (i. e. complemento directo e complemento circunstancial de lugar – direcção –) → ‘o’, ‘a’, ‘os’, ‘as’, ‘ao’, ‘â’, ‘aos’, ‘ás’ e dativo (i. e. complemento indirecto) → ‘ao’, ‘â’, ‘aos’, ‘ás’:

Articulus seu particula *a* inseruit aliquando nominatiuo et aliquando accusatiuo; uerbi gratia *A casa he fermosa*. “Domus est pulchra”; *Ir u casa*, “Ire in domum”. Particula *á* cum accentu inseruit aliquando datiuo; uerbi gratia *Convem á casa*, “Expedit domui”; aliquando inseruit accusatiuo, uerbi gratia *Vou á casa*, “Eo domum” [...]. Quod attinet ad particulas inseruientes generi masculino, particula *o* sine accentu denotat aliquando nominandi, aliquando accusandi casum; uerbi gratia *O templo he fermoso*, *Vi o templo fermoso*, “Templum est pulchrum”, “Vidi templum fermosum”. Particulae *de*, *do* aliquando genitiuo inseruiunt; uerbi gratia *Parte de hum templo, ou do templo*, “Pars unius templi, uel templi”; aliquando inseruiunt ablatiuo; uerbi gratia *Venho de hum templo, ou do templo*, “Venio ex uno templo, uel a templo (Pereira, 1672: 201-202).

- ii) Genitivo (i. e. complemento determinativo) e ablativo (i. e. complemento circunstancial de procedência) → ‘de’, ‘do’, ‘da’, ‘dos’, ‘das’; acusativo (complemento circunstancial de direcção) e dativo → ‘pera’; vocativo → ‘ô’:

Particulae *de, da* aliquando denotant genitiuum: uerbi gratia *Parte da casa*, “Pars domus”; aliquando denotant ablatiuum, uerbi gratia *Venho de casa ou da casa de Pedro*, “Venio e domo uel ex domo Petri”. Praepositio *pera* quandoque ostendit accusatiuum; uerbi gratia *Vou pera casa*, “Eo domum”; quandoque datiuum; uerbi gratia *Pera minha casa basta isto*, “Domi meae satis est hoc”. Particula *ó* cum accentu semper monstrat uocatiuum; uerbi gratia *Ó fermosa casa!*, “O pulchra domus!” (Pereira, 1672: 202).

- iii) Ablativo → ‘em’, ‘no’, ‘na’, ‘com’, ‘sem’: «Praepositiones *em, na, no, com, sem* semper innuunt ablatiuum, uerbi gratia *Estou em casa ou na casa de Pedro, Estou com casa e com armaçam, ou sem casa e sem armaçam*, “Sum in domo Petri”, “Sum cum domo et peristromate, uel sine domo et sine peristromate”» (1672: 202).

Na exposição do P<sup>c</sup> Bento Pereira, pode observar-se uma deficiente sistematização no que se refere à análise das funções sintáticas, se se compara com outras *Artes* coevas que baseiam a sintaxe na concordância e na regência. É claro que o eixo da regência está subjacente à explicação gramatical, na medida em que as *particulae* atribuem marca de caso ao substantivo associado, tal como é explicado modernamente a propósito das preposições (Mateus *et alii*, 2003: 401); assim o confirma o autor quando faz a introdução à descrição que acabámos de ver: «Superest exponere quod specialissimum est in syntaxi, nempe uarietatem casuum, quos articuli et praepositiones regunt, seu potius denotant in nominibus postulatos a uerbis et ipsismet praepositionibus» (Pereira, 1672: 201). Parece-nos especialmente interessante a preferência do autor pelo verbo *denoto*, em vez de *rego*, escolha que poderá dar-nos um indício da existência, na concepção sintática de Bento Pereira, de um conjunto de funções sintáticas gerais materializadas de diferentes formas em cada uma das línguas. Não há dúvida, contudo, de que a proposta do jesuíta sofre de certas limitações e carências, como acontece com a atribuição – parece que em todos os contextos oracionais – de uma partícula ao nominativo ou ao acusativo objecto; o próprio Bento Pereira oferece-nos exemplos do contrário ao expor a sua postura sobre a determinação ou indeterminação como atributo semântico dos substantivos:

Articuli praeponuntur solis substantiuis determinatis, nam indeterminatis nullus praefigitur articulus; uerbi gratia *Tenho desejo de vos servir*, “Cupio tibi seruire”, ubi nullus articulus praefigitur nomini *desejo*, utpote substantiuo indeterminato. Secus in determinatis, ut in hac: *Pedro foy a casa de Antonio*, ponitur enim ibi articulus *a*, propter substantiuum determinatum, nempe *casa de Antonio*» (Pereira, 1672: 201).

Com efeito, a teoria sintática do jesuíta não parece contemplar constituintes com nominativo ou acusativo não precedido de artigo, como nas orações citadas *Tenho desejo de vos servir* ou *Pedro foy a casa de Antonio*.

### 2.3. O problema do uso do conjuntivo: descrição, soluções e fontes

Importantes considerações sobre as estruturas sintáticas do Português também aparecem noutras passagens da *Ars grammaticae*. Referimo-nos à análise que o jesuíta leva a cabo, no confronto linguístico entre o Português e o Latim – e o Castelhana –, sobre o emprego do conjuntivo nas orações subordinadas causais introduzidas por *como* (Schäfer-Priess, 1993: 300-301):

Modus coniunctiuus in lingua Lusitana est idem atque modus indicatiuus addita particula *como* ante uerbum, ut cernitur in coniunctiuo dicti uerbi *sou* et cernitur postea in reliquis uerbis apponendis [...]. Rude uulguis loco particulae *como* apponit particulam *comoquerque*, non sic uiri disertí, qui etiam respuunt modos Castellanos, *Como sempre aveys sido bom; Como dantes ouvesse sido soldado*, etc<sup>3</sup>.

Non sine elegantia utitur Lusitana lingua simili idiomate coniunctiuo modi cum gerundio *sendo ou estando*, uerbi gratia *Nam vos correys de fazer tays cousas, sendo nobre?* “Non pudet te agere talia, cum sis ingenuus?” [...]. Et notandum non recte dici *Como ajays sido doente; Como ate entam nam ouvesse sido doente*. Sunt enim, ut iam monuimus, modi Castellani, proindeque alieni a Lusitana lingua (Pereira, 1672: 54-55).

Com efeito, Bento Pereira contrasta as estruturas causais, introduzidas em Latim por *cum* e em Português por ‘como’, realçando a divergência no uso dos modos – já que o Latim, nestes contextos, utiliza o conjuntivo, enquanto o Português se vale do indicativo – e chegando a expor de forma detalhada as correspondências de tradução para Português do conjuntivo latino introduzido por *cum* (Pereira, 1672: 91-92). Subjaz, no entanto, à glosa referida a – polémica – interferência sintáctica entre o Português e o Castelhana, língua que contempla, com a autoridade de Antonio de Nebrija (1989[1492]: 254-256; 1996[cc. 1488]: 22 *et passim*), a formação de orações causais com conjuntivo. De facto, o cuidado do jesuíta na diferenciação, em Português e em Espanhol, da formação dos tempos compostos – naquela língua com ‘ter’, nesta com ‘aver’ – e do uso do conjuntivo neste tipo de cláusulas está presente ao longo do capítulo sobre a morfologia verbal e tem repercussões na exposição gramatical:

- i) A divergência modal, no que se refere às orações causais, em Português e em Latim – e em Castelhana – obriga o gramático a descrever o comportamento das restantes cláusulas: causais e temporais (+ indicativo):

<sup>3</sup> Neste comentário, Bento Pereira não faz senão reproduzir a advertência que aparece na reforma da gramática alvaresiana a cargo de António Velez – ausente, de resto, nas edições publicadas em vida de Manuel Álvares –: «Vulguis his locis fere *comoquer que solet dicere: Comoquer que dantes fora soldado, sofria bem os trabalhos do mar, quod tolerabile est*» (1599: 30).

Sunt aliquae locutiones modi coniunctiui, quae proferuntur elegantius per particulas *poys* et *despoys* quam per particulas *como* uel cum gerundio; uerbi gratia *Nam me espanto fallardes tam ousadamente poys soys soldado*, “Non miror quod loquaris tam audaciter, siquidem es miles”; *Morreo ao primeyro de setembro, despoys de ser Papa sete annos, ou avendo sete annos que era Papa*, “Obiit prima die septembris, postquam septenio Sumus Pontifex fuerat (Pereira, 1672: 55);

concessivas e condicionais (+ conjuntivo):

Restant adhuc notanda in modo coniunctiuo idiomata quaedam lusitana linguae ualde peculiaria, quae sequuntur. Praesens: *Po<s>toque eu seja, tu sejas, elle seja; nòs sejamos, vòs sejays, elles sejam* [...].

In eodem modo habet futurum praecedentibus his particulis *se* uel *senam*; uerbi gratia *Se eu for, se tu fores*, etc.; *Senam for, senam fores* etc; quae particulae iunguntur reliquis temporibus; uerbi gratia *Se fosse, senam fosse* [...]” (Pereira, 1672: 56);

integrantes, finais e, de novo, concessivas (+ conjuntivo):

Etiam praedicto modo iunguntur particulae *que, quenam, peraque, peraquenam, aindaque, comtantoque*; uerbi gratia *Agora rogote que sejas liberal, antigamente rogavate quenam fosses prodigo*, “Modo te precor ut sis liberalis, olim te precabat ne fuisses prodigus”; *Emporta guardar certo meyo peraque sejas liberal, e nam sejas prodigo*, “Oportet seruare certum medium, ut sis liberalis et non sis prodigus”; *Aindaque foste prodigo*<sup>4</sup>, *serey teu amigo, com tanto que sejas liberal*, “Quamuis fueris prodigus, ero tuus amicus, dummodo sis liberalis” (Pereira, 1672: 56).

- ii) O desajuste do emprego do modo conjuntivo em Português e em Latim vai também condicionar a exposição do sistema modal na *Ars grammaticae*, na medida em que o autor incorpora em cada paradigma verbal um quadro exclusivo para as formas de conjuntivo portuguesas – *coniunctiui modi propriae uoces lusitanae* – (Schäfer-Priess 1993: 301), integrado por quatro tempos: presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Veja-se a nota seguinte.

<sup>5</sup> Não obstante apresentar, neste quadro, formas do conjuntivo português, no que se refere ao pretérito perfeito e ao mais-que-perfeito do verbo ‘ser’, opta por utilizar o indicativo: «*Posto que eu fuy ou estive*, “Quamuis fuerim”» (Pereira, 1672: 48). Neste aspecto, de novo, Bento Pereira, reproduz os comentários de António Velez: «*Perfecti et plusquamperfecti ueribi substantiui nullae sunt propriae uoces lusitanae: nec enim dicunt Posto que eu aja sido, Posto que eu ouuera sido*. Pro quibus iisdem temporibus indicatiui modi utuntur. Nam particulae *posto que, ainda que* etiam indicatiuum petunt: *Posto que fui, Posto que fora*» (1599: 33). Contudo, a respeito desta questão, não havia consenso entre os gramáticos: no início do século XVII, Pedro Sanches defende o emprego, em certos contextos, do verbo ‘aver’ como auxiliar dos tempos

No que concerne às fontes, não há dúvida de que Bento Pereira segue a exposição que Manuel Álvares realiza nos *De institutione grammatica libri tres* (Schäfer-Priess, 1993: 294-295). Seja como for, a edição utilizada da gramática de Álvares não é a edição príncipe, mas aquela que foi revista pelo P<sup>e</sup> António Velez (Évora, 1599), autor que amplia a polémica iniciada já por Álvares sobre o uso do conjuntivo (1599: 30-32). Por exemplo, na *recognitio* do P<sup>e</sup> Velez, aparece a distinção, no paradigma do modo conjuntivo, entre as formas verbais latinas que seriam traduzidas pelo indicativo português e aquelas outras correspondentes ao conjuntivo (1599: 32-33 et *passim*). Esta diferenciação já foi, contudo, levada a cabo por Manuel Álvares, a propósito do Castelhana, na edição lisboeta de 1578 (Ponce de León, 2004). Por outro lado, já na edição príncipe de 1572 está presente a preocupação do gramático jesuíta pela correcta tradução das cláusulas latinas com conjuntivo introduzidas por *cum*, bem como a denúncia que leva a cabo do uso do auxiliar ‘aver’, em lugar de ‘ter’, nos tempos compostos, crítica esta também evidenciada ao longo do capítulo da morfologia verbal da *Ars grammaticae* (Schäfer-Priess, 1993: 298). Em todo caso, parece claro que Bento Pereira, em certas passagens, mais não faz que copiar *ad litteram* a edição reformada do P<sup>e</sup> Velez, segundo se pode observar no seguinte quadro, onde se apresentam as diferentes formas de tradução da cláusula causal latina introduzida por *cum*:

## Velez 1599

Coniunctiuus aliorum uerborum accedente particula ‘cum’ in Hispanum conuertitur uel per indicatiuum, uel per gerundium tantum, uel per duplex, uel per gerundium et uerbum, uel per gerundium simul et participium, uel per indicatiuum et participium, uel per solum participium.

Per indicatiuum: *Cum te pater tuus uehementer amet, absentiam tui fert acerbissime*, “Como vosso pai vos quer tanto, sente muito vossa ausencia” [...].

Per gerundium tantum: *Patrem tuum fugis, cum te unice amet?*, “Fugiis de vosso pai, querendouos elle tanto, como se não tiuera outro?” [...].

Per gerundium duplex: *Cum has ad te literas exararem, redditae mihi sunt tuae*, “Estando escreuendo esta carta, recebi a vossa” [...].

Per gerundium et uerbum: *Tandem miserandum in modum animam efflauit, cum annos quatuor continuos omnibus membris captus iacuisset in lecto*, “Espirou por derradeiro miseravelmente, auendo quatro annos continuos que jazia entreado em hua cama” [...].

## Pereira 1672

Observandum est [...] Lusitanos diuersis et elegantibus modis usurpare idiomata uulgo *linguagens* coniunctiu: 1) utentes temporibus indicatiui addita particula *como*; uerbi gratia *Como vosso pay vos ama tanto, sente muyto vossa ausencia*, “Cum pater tuus te ualde diligit, aegre fert tuam absentiam” [...].

2) Utentes uno tantum gerundio; uerbi gratia *Fugiys de vosso, amandovos elle tanto*, “Fugis tuum parentem cum ab illo tantum diligaris” [...].

3) Utentes duobus gerundiis; uerbi gratia *Estando escreuendo esta carta, recebi a vossa*, “Cum hac scriberem epistolam, accepi tuam” [...].

4) Utentes gerundio simul et uerbo; uerbi gratia *Espirou por derradeyro miseravelmente, auendo quatro annos inteyros que jazia entreado*, “Expirauit tandem misere, cum per integrum quadriennium iaceret captus membris” [...].

5) Utentes gerundio et participio; uerbi gratia *Nunca me escreveys, ou nunca me escrevestes, tendovos eu escrito muytas vezes*, “Nunquam ad me scribis, uel

---

compostos: «‘Aver sido’ não tão somente he lingoagem Castelhana, mas ainda Portuguesa, & tam forçada, que nam sey eu que linguagem, & declaração se possa dar melhor em Portugues ao preterito perfeito, & plusquam perfeito do infinitiuo *fuisse*. Quid., *Epist. Hyperm.*: *Est mihi supplicii causa fuisse piam*. Neste lugar, & noutros semelhantes nam se pode dar a lingoagem “que fuy”, senão “auer sido”» (1610: f.7r/v). No pretérito perfeito de conjuntivo, Pedro Sanches utiliza ‘aver’ e não ‘ter’: «*Cum fuerim*. “Como eu aja sido, ou sendo eu” (1610: f.11r).

<sup>6</sup> Convém advertir, no entanto, que o P<sup>e</sup> Velez não foi o autor desta glosa, mas o próprio Manuel Álvares; aparece, por exemplo, na edição de 1578, se bem que, nessa ocasião, se refere às correspondências do conjuntivo latino em Castelhana.

Per gerundium et participium: *Nunquam ad me scribis. cum ad te saepissime longissimas literas dederim*, “Nunca me escreueis, tendouos eu escrito mui largamente por muitas vezes” [...].

Per indicatiuum et participium: *Cum ad te crebro literas dederim, neque ullas acceperim, incipio piger esse in scribendo*, “Como vos tenho escrito muitas casta, & recebido nehũa, começo de me fazer”, etc. [...]. Per solum participium: *Cum frater tuus ex Africa discessisset, allatae sunt regis literae, quibus eum nusquam discedere imperabat*, “Partido vosso irmão”, etc. (59)<sup>6</sup>.

nunquam mihi rescripsisti, cum ego frequenter ad te scriberem” [...]

6) Vtentes indicatiuo et participio; uerbi gratia *Como vos tenho escrito muitas cartas e nam recebido nenhuma, façome também roceyro no escrever*, “Cum ad te miserim multas epistolas et nullam a te receperim, fio etiam piger in scribendi [...].

7) Vtentes solo participio; uerbi gratia *Partido vosso pay, chegou vosso irmam*, “Cum tuus pater discederet, tuus frater accessit” (91-92).

### 3. Conclusão

De tudo o que foi referido até ao momento pode-se concluir que a teoria sintáctica proposta por Bento Pereira na *Ars grammaticae* se enquadra no âmbito dos tratados que descrevem do ponto de vista normativo o vernáculo, afastando-se assim das gramáticas gerais como as de Amaro de Roboredo ou Gonzalo Correas. Todavia, a forma como aborda a regência parece-nos peculiar no contexto gramaticográfico anterior, na medida em que estabelece uma relação dos constituintes, materializada, segundo as línguas, pela *mutatio extrinseca* – através do emprego das *particulae* (artigos e preposições) – e a *intrinseca* – por meio dos morfemas casuais –; por outro lado, certos usos do substantivo *casus* poderiam ser interpretados como um conjunto definido de funções sintácticas gerais, proposta que já foi analisada por Maria Leonor Carvalhão Buescu a propósito da *Arte* de João de Barros (1983: 163-170) e por Eugenio Coseriu a propósito da gramática de Fernão de Oliveira (2000: 52). Seja como for, resulta evidente que a preocupação primeira do jesuíta é descrever as conexões das partes da oração na, por assim dizer, “estrutura superficial”, com o objectivo de que a matéria se torne o mais acessível possível ao não nativo, se bem que a abundante informação gramatical sirva também como consolidação do conhecimento linguístico dos portugueses. Em suma, a *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda* não supõe apenas, no quadro das gramáticas da língua portuguesa, um dos primeiros contributos para ensino do Português como língua estrangeira, como também uma contribuição para a História da teoria gramatical do Português.

### Referências Bibliográficas

- ÁLVARES, Manuel (1974[1572]) *De institutione grammatica libri tres*. Introdução de José Pereira da Costa. Funchal: Junta Autónoma do Distrito do Funchal. Lisboa: António Ribeiro. 1578.
- Évora: Manuel de Lyra. 1599.

- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. (1983). *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (1984) *Historiografia da língua portuguesa: século XVI*. Lisboa: Sá da Costa.
- CORREAS, Gonzalo (1903[1626]) *Arte grande de la lengua castellana*. Edição do Conde de la Viñaza. Madrid.
- CORRO, Antonio del (1988[1586]) *Reglas gramaticales para aprender la lengua española y francesa*. Madrid: Arco/Libros.
- COSERIU, Eugenio (2000). Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira. In Amadeu Torres & Carlos Assunção (eds.) *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*. Lisboa: Academia das Ciências, pp. 29-60.
- FONSECA, Maria do Céu Brás da (2000) *Historiografia linguística do século XVII: as unidades de relação na produção gramatical portuguesa*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora.
- (2002) Epistemologia da linguística. *Diana* (3-4), pp. 17-34.
- MARTÍNEZ Gavilán, M<sup>a</sup> Dolores (1994) Tradición e innovación en la teoría gramatical española en el siglo XVII. In Ricardo Escavy *et alii* (eds.) *Actas del Congreso Internacional de Historiografía Lingüística. Nebrija V Centenario (1492-1992)*. Murcia: Secretariado de publicaciones e intercambio científico de la Universidad, t. III, pp. 421-436.
- MATEUS, M.<sup>a</sup> Helena Mira *et alii* (2003[5<sup>a</sup> ed.]) *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- NEBRIJA, Antonio de (1996[c. 1488]) *Introducciones latinas contrapuesto el romance al latín*. Estudo e edição de Miguel Ángel Esparza & Vicente Calvo. Münster: Nodus.
- (1989[1492]) *Gramática de la lengua castellana*. Estudo e edição de Antonio Quilis. Madrid: Centro de Estudios Ramón Areces.
- NIETO, Lidio (1988) *Estudio introductorio às Reglas gramaticales para aprender la lengua española y francesa* de Antonio del Corro. Madrid: Arco/Libros.
- OLIVEIRA, Fernão de (2000[1536]) *Gramática da linguagem portuguesa*. Estudo introdutório e edição Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências.
- PADLEY, George Arthur (1988) *Grammatical theory in Western Europe, 1500-1700: trends in vernacular grammar II*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PEÑALVER, Manuel (1997) Estudio introductorio à *Arte de gramática española* de Juan de Villar. Jaén: Diputación Provincial de Jaén.
- PEREIRA, Bento (1672) *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda latino idiomate proponitur*. Lião: Laurent Anisson. Lisboa: Tipographia Regia, 1806[1803].
- PONCE DE LEÓN Romeo, Rogelio (2004) El Álvarez trasladado. El romance en las ediciones quinientistas portuguesas, españolas y catalanas de los *De institutione grammatica libri tres*. *Actas del VI Congreso de Lingüística General*, Santiago de Compostela (3-7 de Maio), no prelo.

- (2000) Las propuestas metodológicas para la enseñanza del latín en las escuelas portuguesas de la Compañía de Jesús a mediados del siglo XVI. *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos* (19), pp. 233-257.
- RAMAJO Caño, Antonio (1987) *Las gramáticas de la lengua castellana desde Nebrija a Correas*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- ROBOREDO, Amaro de (2002[1619]) *Methodo grammatical para todas as linguas*. Introdução de Marina Kossarik. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ROLDÁN, Antonio (1977) Estudio introductorio à *Util y breve institution para aprender los principios y fundamentos de la lengua hespañola*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- SANCHES, Pedro (1610) *Arte de grammatica pera em breve saber latim*. Lisboa: Vicente Álvares.
- SÁNCHEZ Pérez, Aquilino (1992) *Historia de la enseñanza del español como lengua extranjera*. Madrid: Sociedad General Española de Librería.
- SÁNCHEZ Salor, Eustaquio (1996) La gramática racional del XVI ¿Continuidad o ruptura? In Eustaquio Sánchez Salor *et alii* (eds.) *La recepción de las artes clásicas en el siglo XVI*. Cáceres: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura, pp. 25-48.
- SCHÄFER-PRIESS, Barbara (1993) Die Verbalmodi in den Grammatiken von Manuel Alvares (1572) und Bento Pereira (1672). *Historiographia Linguistica* 20 (2/3), pp. 283-308.
- (2000) *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822. Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*. Tübingen: Max Niemeyer.
- VILLAR, Juan de (1997[1651]) *Arte de gramática española*. Edição facsimilada e estudo de Manuel Peñalver Castillo. Jaén: Diputación Provincial de Jaén.
- (1966[1559]) *Gramática de la lengua vulgar de España*. Edição facsimilada e estudo de Rafael Balbín e Antonio Roldán. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- (1977[1555]) *Util y breve institution para aprender los principios y fundamentos de la lengua hespañola*. Estudo e edição de Antonio Roldán. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.